

# Ciência e disputa de narrativas: a construção da “farsa da Covid-19”

**Resumo:** O artigo apresenta aspectos de um projeto de investigação dedicado à realização do estudo de estratégias discursivas circulantes no embate entre ciência e notícias falsas frente à profusão de informações sobre a Covid-19. Com base na noção weberiana do propósito lógico-racional do Iluminismo, o artigo indaga sobre as características de estratégias discursivas que disputam reconhecimento quanto ao valor de verdade de suas narrativas. O artigo detém-se na análise empírica do trailer promocional do documentário “Plandemic”, ocupado em denunciar o que denominam de “farsa da Covid-19”. Operou-se uma análise comparativa entre asserções apresentadas no vídeo, referentes a aspectos científicos sobre a Covid-19, e informações de dois tipos: de caráter científico e informações publicadas por organizações de referência em saúde pública. A análise colabora para esclarecer aspectos da disputa de narrativas.

**Palavras-chave:** Narrativas; Ciência; Covid-19.

## Science and narratives dispute: the construction of the “Covid-19 farce”

**Abstract:** The article presents aspects of an investigation project dedicated to the study of circulating discursive strategies in the clash between science and fake news in face of the profusion of information about Covid-19. Based on the Weberian notion of the Enlightenment logical-rational purpose, the article asks about the characteristics of discourse strategies that dispute recognition as to the truth value of their narratives. The article focuses on the empirical analysis of the promotional trailer for the Documentary “Plandemic”, engaged in denouncing what they call “Covid-19 farce”. A comparative analysis was carried out between assertions presented in the video, referring to scientific aspects about Covid-19, and information of two types: of a scientific nature and information published by reference organizations in public health. The analysis contributes to clarify aspects of narratives dispute.

**Keywords:** Narratives; Science; Covid-19.



Joseline Pippi<sup>1</sup>  
Carlise Schneider Rudnick<sup>2</sup>  
Aline R. Dalmolin<sup>3</sup>  
Ada C. Machado da Silveira<sup>4</sup>

1 Professora adjunta, vinculada ao Centro de Formação em Políticas Públicas e Tecnologias Sociais da Universidade Federal do Sul da Bahia

2 Professora adjunta, membro do quadro permanente do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria.

3 Professora adjunta, membro do quadro permanente do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria.

4 Professora titular, membro do quadro permanente do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Colaboradora do mestrado profissional em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa. Pesquisadora do CNPq.

## 1 Introdução

O ano de 2020 pauta-se pelo acontecimento de proporções globais da pandemia da Covid-19, nova doença infecciosa causada pelo betacoronavírus SARS-CoV-2, que desde seu início assume um impacto de proporções inéditas na história humana. O surgimento e a disseminação do novo coronavírus em nível internacional vem provocando substancial impacto no mundo em que vivemos. Este novo status mundial caracteriza-se (em setembro de 2020) por um placar que não cessa de crescer exponencialmente, o das taxas de letalidade, número de mortos, contaminados, recuperados e doentes em nível global, mas também vem causando o colapso dos sistemas de saúde na maioria dos países, o caos na economia globalizada e nas economias locais. Este cenário problemático promove a sensação generalizada de incerteza e insegurança nos cidadãos, que sofrem dia a dia com estratégias de combate à pandemia e com a precariedade do fornecimento dos serviços básicos prestados pelos Estados nacionais, sobretudo nos países menos desenvolvidos e marcados pela desigualdade social. Num momento em que a população mundial intensifica a busca por informação para situar-se neste contexto em constante mudança, o consumo e a disseminação das notícias falsas também aumenta.

Seu impacto pode ser potencializado pela intensificação no consumo midiático por pessoas ansiosas por notícias que possam aliviar suas dúvidas, situá-las no cenário atual, ou até mesmo garantir sua sobrevivência. Tais aspectos justificam a importância de estudos ao reconhecer-se que, de um lado, o consumo informativo se fortalece e, de outro, observa-se um cenário que contribui para que pessoas acreditem em informações falsas, sobretudo em razão das motivações afetivas e emocionais as quais são tradicionalmente a elas associadas (BAKIR; McSTAY, 2018).

Na guerra por debelar o novo coronavírus, assiste-se a intensas batalhas de combate à disseminação de notícias falsas, uma mobilização que perpassa o disperso sistema congregado por uma ecologia midiática variada. A análise de fluxos de disseminação de conteúdos, conversação pública, circulação em mídias sociais, congregando abordagens a partir de empresas midiáticas identificáveis e outras não identificáveis, como as milícias digitais e seus robôs, canais, plataformas de disseminação de conteúdos, perfis de mídias sociais, jornalismo profissional de crítica sobre notícias falsas (fake news) e desinformação, ademais de órgãos de saúde pública tem no tema da pandemia da Covid-19 e síndromes respiratórias agudas graves um propósito desafiador.

Este artigo relata uma investigação que tem como objetivo geral realizar a proposição de uma cartografia das iniciativas de combate

às notícias falsas com motivo da pandemia da Covid-19.<sup>5</sup> O artigo indaga sobre as características de estratégias discursivas que disputam reconhecimento quanto ao valor de verdade de suas narrativas. A análise empírica atém-se à polêmica envolvendo notícias relacionadas ao SARS-Cov-2 como sendo um vírus criado em laboratório e que estaria sendo utilizado como arma de biossegurança (KASPRAK, 2020). Apresenta-se, assim, a análise de uma polêmica envolvendo o conflito de narrativas com base em “Plandemic”, vídeo trailer sobre documentário homônimo, que causou polêmica e foi removido de diversas plataformas, arguindo-se propagar informações falsas a respeito da pandemia da Covid-19.

5 A proposta de uma cartografia de notícias falsas dá amparo ao projeto “guarda-chuva”, de cujas atividades o presente relato foi extraído, o qual acena para um amplo estudo quali-quantitativo no âmbito das ciências da comunicação, que busca desenvolver estudos de casos múltiplos sobre estratégias para combater a disseminação de notícias falsas em diversos campos sociais, como o campo midiático, o campo acadêmico, o campo das organizações da sociedade civil e o campo do Estado.

## 2 Ciência, valores e disputa de narrativas

A disputa narrativa estabelecida em torno de pensadores livres, ativistas antivacinas, terraplanistas, partidários de teorias conspiratórias, simpatizantes da extrema direita e tantos outros grupos que se projetam em tal cenário como negacionistas encontra na fundamentação científico-técnica seu principal bastião de oposição. Tal fundamentação tem o suporte da racionalidade moderna.

Vale recordar, dentre outras abordagens, aquela proposta por Max Weber (1971, 1998). Ele conceberia a racionalidade em conformidade à constatação de que a vida é perpassada pelo irracionalismo do mundo, com o qual se deve lidar constantemente. O enquadramento mostra-se adequado ao conflito de narrativas de que se ocupa o presente artigo.

Para explicar a vida, entender a racionalidade e os sujeitos, Weber propôs, a partir da causalidade histórica, a possibilidade de crítica ao racionalismo iluminista, o que não significa que o autor seja considerado um irracionalista. Uma linhagem mais recente da escola weberiana aborda a obra de Weber em outra perspectiva. Entende-se aqui por Iluminismo apenas o conteúdo geral das concepções racionalistas desenvolvidas, sobretudo, a partir do século XVIII, que contam com dicotomias e oposições capitais de valor (sujeito/objeto, fato/valor, ciência/religião, ideia/matéria).

A forma retrospectiva implica deixar um presente em devir e partir em direção a um passado considerado “intensivamente infinito” e não um complexo de fatos ocorridos, não mais influentes na composição das motivações e percepções: o passado não parou de passar.

Além de abordar questões econômicas, sociológicas e do imaginário (simbólico), a teoria weberiana contribui para discutir sobre valores e crenças (ética) a partir da religião, e essa como sistema simbólico estruturante que pode, através de esquemas e lógicas diversas, oferecer estímulo, ou não, para a construção das relações de

confiança. Logo, as crenças, os valores, a tradição, as expectativas, a irracionalidade, a reputação e os costumes que inferem na vida dos sujeitos e seus grupos interagem e se apresentam como importantes categorias de análise.

A postura científica inaugura uma atitude de permanente questionamento. Diferentemente da tácita reverência que a cultura pré-científica sustentaria, a atitude racional iluminista remeteria ao empenho dubitativo, permanentemente oscilando entre posições divergentes. Tal mentalidade estaria no centro do conflito que opõe mentalidades contrincantes, no que atualmente concebemos como conflito de narrativas. Um contexto de ambivalência comunicacional, responsável pela emergência da noção de pós-verdade.

A cultura autoritária brasileira, fruto da colonização europeia, teria inculcado atitudes derogatórias a argumentos tomados como inquestionáveis, próprios do ambiente religioso tradicional. Já a cultura questionadora, impulsionada por diversas vias incrementadas pelo Iluminismo, seria receptiva ao questionamento racional científico. Um contexto complexo, que não pode ser tão simplificado, no qual o conflito de narrativas surge como fruto do embate entre uma perspectiva tradicional e autoritária, frente a atitudes modernizadas e suscetíveis a argumentos de origem científica.

Da perspectiva da análise da situação de comunicação, aponta-se que há, na atualidade, a desestimação de conteúdos científicos, sendo que esta atitude seria proveniente da incapacidade de atentar à complexidade que sua compreensão requer. Surge, assim, a hipótese da impossibilidade polifasia cognitiva, a qual seria capaz de amparar a coexistência de diferentes tipos de racionalidade (VIANA; MORIGI, 2018). Polifasia cognitiva é uma expressão oriunda da Teoria das Representações Sociais e é utilizada para definir imagens mentais. Ela destaca o papel dos sistemas de representação e seu propósito de relacionar-se no ambiente da comunicação na vida cotidiana. Enquanto a ciência visa operar com representações verídicas do mundo, baseada em padrões de evidência científica, outros sistemas operam com bases de crenças distintas. Assim, os sistemas de conhecimento constituem domínios de validade distintos que, em teoria, assegurariam a possibilidade de encontros entre lógicas diferentes e até mesmo opostas, como as científicas e as religiosas.

No entanto, tal encontro não é o que se observa na polarização contemporânea. É consenso assumir que, como aterradora consequência da negação da polifasia cognitiva, e subsumidos na unidimensionalidade instrumental, fortalecem-se os discursos de ódio, tomados como valor de base nas disputas narrativas. Da perspectiva comunicacional, as evidências sobre a negação da polifasia disseminam-se sistematicamente por mídias sociais

digitais em nossos dias, impedindo o intercâmbio de argumentos. Uma noção que embasa a disputa de narrativas.

### 3 Análise de um conflito narrativo

Aborda-se um caso paradigmático que sintetiza o conflito de narrativas com base em posições ideológicas em disputa e que estão circulantes no ambiente midiático das plataformas digitais. Ele conchama atenção para o conflito de discursos científicos e respectivas posições contrapostas que costuma ser difundido por práticas de divulgação científica. Desta forma, o documentário cinematográfico e televisual também faz uso de técnicas dramáticas (LEON, 1999), responsáveis por construir estratégias operadoras de um “fazer saber”, que são distintas de outras, a de “fazer sentir” (CHARAUDEAU, 2006).

Trata-se de uma peça audiovisual baseada em um livro *best-seller* na plataforma Amazon e que desponta como uma síntese de interpretações que regem as disputas de nosso cotidiano, concebido a partir da situação de comunicação que o enfeixa. A peça em análise está compreendida como integrante de uma narrativa contraposta, polemizando com a narrativa assentada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e a corporação médica instituída, tomados como enunciadores de uma narrativa legítima e proposta com anterioridade.

Procedeu-se à análise comparativa entre asserções apresentadas no vídeo, referentes a aspectos científicos sobre a Covid-19, que apresentavam informações de dois tipos: de caráter científico (publicadas em periódicos científicos reconhecidos) e informações publicadas por organizações de referência em saúde pública.

“Plandemic” (2020) é um vídeo que viralizou, atingindo 7,1 milhões de visualizações no YouTube durante os dias que permaneceu online na plataforma, de 04 a 06 de maio<sup>6</sup>. Com 26 minutos de duração, é apresentado como trailer de um documentário e foi retirado por violar as políticas de informação<sup>7</sup> das plataformas sociais, já que divulgava informações falsas sobre o novo coronavírus (NEWTON, 2020). Impulsionado por grupos alinhados à direita estadunidense, apoiou-se em dois princípios para tornar-se viral: o formato documental e o relato de uma cientista que, ao contar sua própria história, revela a “verdade dos fatos sobre a pandemia”.

O vídeo foi publicado por seu produtor, Mikki Willis (produtora Elevate), no Facebook, YouTube, Vimeo e num website exclusivo. Elevate é uma produtora audiovisual com sede na Califórnia (Estados Unidos) e seus integrantes estiveram envolvidos na produção de propaganda nas eleições presidenciais estadunidenses de 2016, como

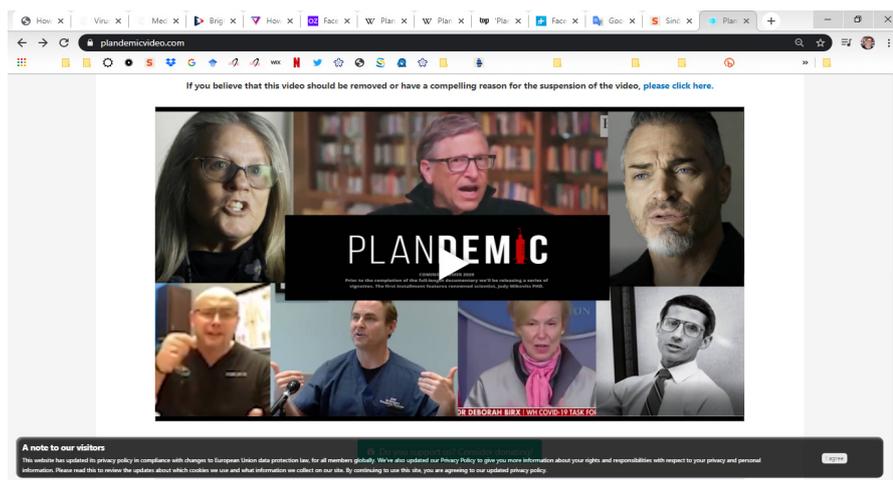
6 Não há registro do vídeo ou da data de lançamento do documentário no website da produtora. No website de divulgação que disponibiliza o vídeo para compartilhamento, há indicação de lançamento para o verão de 2020 do Hemisfério Norte. As informações a respeito do vídeo e mesmo sobre sua autoria foram amplamente noticiadas pela mídia estadunidense durante o período em que o produto viralizou.

7 Em matéria publicada no Portal G1 em 13/05/2020, o vídeo foi categorizado como informação falsa por agências de checagem (PENNA-FORT, 2020).

é o caso do vídeo “*Never Hillary*” (Hillary Nunca), que descreditava a presidenciável Hillary Clinton (ALBA, 2020). Willis é também narrador e entrevistador, conduzindo o documentário. Na figura 1, observa-se a tela de apresentação do vídeo.

8 www.plandemicvideo.com

**Figura 1:** Tela de apresentação do vídeo “Plandemic”



Fonte: Plandemic Video<sup>8</sup>

Em sua primeira semana de lançamento, o vídeo alcançou mais de 2,5 milhões de reações no Facebook, além de ter sido visto por mais de oito milhões de pessoas via redes sociais (FRENKE; DECKER; ALBA, 2020). Segundo levantamento realizado pela pesquisadora de mídias sociais Erin Gallagher (2020), perfis de grupos e/ou vinculados a grupos de direita e extrema-direita no YouTube e Facebook impulsionaram a viralização do vídeo, forçando inclusive a tradução para outras línguas.

Por ter sido retirado das plataformas de mídias sociais mais conhecidas, foram utilizados na análise duas versões do vídeo: a original, em língua inglesa, disponível no website [plandemicvideo.com](http://plandemicvideo.com) (tradução nossa) e a versão legendada em português, disponível no website [brighteon.com](http://brighteon.com), um canal pertencente ao grupo *Brighteon Media Inc.* Sob o slogan “*REFUSE to be silenced. Free speech lives here*” (Recuse o silenciamento. A liberdade de expressão está aqui), *Brighteon* não apresenta política de conteúdo, publicando vídeos diversos, muitos dos quais são sobre o movimento antivacinas e notícias falsas. “Plandemic”, legendado, foi disponibilizado no site no dia 07 de maio e, até a data de 11 de maio de 2020, ele tinha atingido 879.829 visualizações (ARAMUNI, 2020).

A denominação “Plandemic” provém da junção das palavras de língua inglesa *plan* e *pandemic* (plano e pandemia, respectivamente) e indica a abordagem do tema: sugerir que a pandemia seja resultado de

um plano. A entrevistada, identificada como doutora Judy Mikovits, é a personagem principal do vídeo. Ela alega ser vítima de perseguição desde que deixou de pesquisar para uma empresa farmacêutica gigante, que ela acusa de ser responsável pela destruição de sua carreira.

O apresentador/narrador Mikki Willis introduz a doutora Judy Mikovits em cena, apresentando-a como “uma das cientistas mais talentosas de sua geração”. No “auge de sua carreira”, publicou um artigo científico na revista *Science*. Neste ponto, surge o primeiro elemento a ser considerado: o narrador afirma que o “controverso artigo enviado chocou a comunidade científica”. Além disso, alega que “devido ao artigo que revelou seus grandes segredos”, continua o narrador, “os ‘*minions*’ (servos) da indústria farmacêutica travaram guerra contra a doutora Judy Mikovits, destruindo seu nome, sua carreira e sua vida pessoal”. Não há o tradicional cuidado característico do formato documentário de apresentar evidências que atestem a veracidade das graves afirmações. A personagem é apresentada a partir de qualificações subjetivas, estabelecendo um conflito assimétrico ao nível narrativo, a doutora presente *versus* a indústria farmacêutica cuja voz está ausentada do vídeo.

A narração do vídeo é ilustrada por imagens do entrevistador e da entrevistada, sentados, caminhando e conversando em locais não identificados, mas concretos, portanto visualmente verídicos. Há uma dosagem proposital apoiada num mínimo de “fazer saber” para promover o “fazer sentir” (CHARAUDEAU, 2006). Como resultado, o vídeo apropria-se do relato jornalístico (ainda que não seja a grande mídia), para desmitificar a narrativa dominante da verdade científica, em conformidade à posição defendida pela entrevistada (que é pesquisadora, ainda que não esteja integrando a ciência das corporações).

Judy Anne Mikovits, a entrevistada, é graduada em química, virologista e reconhecida apoiadora do movimento antivacinas (antivaXX, nos Estados Unidos)<sup>9</sup>. O artigo referido, de 2009, foi retirado do ar em 2011, após o editor-chefe da revista alegar terem sido apontados equívocos no experimento e por não haver consenso entre membros da equipe de pesquisadores a respeito da retratação<sup>10</sup>. Os fatos relacionados à retratação do artigo não são abordados no vídeo.

O vídeo simula o formato documentário: um entrevistador, que também faz o papel de narrador, a presença da entrevistada que conversa com o narrador, respondendo a seus questionamentos. Constantemente imagens de arquivo, vídeos publicados em mídias sociais e excertos de depoimentos oficiais de figuras públicas são inseridos no decorrer da narrativa, ora ilustrando o relato, ora exemplificando as alegações apontadas pela entrevistada. As cenas de arquivo não são referenciadas, tampouco são atribuídas autorias aos depoimentos; as figuras públicas

8 Informações sobre carreira da virologista e um *fact-checking* sobre suas afirmações foram pauta de recente publicação da revista *Science* (ENSERINK; COHEN, 2020).

9 Segundo matéria publicada na revista *Science*, de dezembro de 2011, a equipe liderada por Judy, a despeito das controvérsias envolvendo os dados do experimento (contestados por outros estudos paralelos), não assinou a retratação porque havia recebido financiamento de 2,3 milhões de dólares do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas dos EUA (NIAID, sigla em inglês) (COHEN, 2011).

retratadas têm suas falas editadas, enfatizando a extração de elementos bastante específicos (uma palavra, uma expressão), corroboradores do relato da entrevistada. Percebe-se que houve pré-produção, atendendo aos principais atributos técnicos para ser compreendido como um produto jornalístico, embora análise criteriosa e observação atenta demonstrem que seu objetivo não corresponde ao de fazer saber, mas ao de fazer sentir.

O tom do vídeo é evidenciado na primeira pergunta do entrevistador: “Você fez uma descoberta que conflitava com a narrativa acordada?” Com ela, define-se uma abordagem em termos de pós-verdade, para a qual o conflito de narrativas se impôs, colocando em interdito verdades assentadas. A análise permite assinalar que a proposta de não tratar de fatos, mergulhando fundo em jogos de linguagem, aposta na fórmula em que a versão da personagem a respeito de uma controvérsia tem um valor que, noutro sistema, correspondia à apresentação das chamadas “evidências”.

Num momento subsequente, o livro *“Plague of corruption: restoring faith in the promise of science”* (Praga da corrupção: restaurando a fé na promessa da ciência), de autoria da entrevistada, é apresentado. O vídeo segue os passos relatados no livro, enfatizando a existência de uma grande trama responsável pela pandemia, que envolve a indústria farmacêutica, com o apoio de Anthony Fauci (epidemiologista, diretor do NIAIDI e integrante da força-tarefa da Casa Branca na elaboração de estratégias de contenção do novo coronavírus) e do governo Trump. Ela afirma que eles estariam retendo o avanço de pesquisas em busca da cura para a Covid-19, com o propósito de lucrar com a patente das vacinas.

O vídeo destaca afirmações sobre a pandemia de Covid-19 através de alegações da entrevistada ou de depoimentos anônimos que ilustram seus argumentos. Apresenta-se a análise de tais afirmações, as quais foram submetidas à checagem junto a informações divulgadas por fontes reconhecidas. Foram encontradas 23 alegações relacionadas à pandemia, das quais sete foram selecionados para figurar no quadro 1.

**Quadro 1:** Informações referentes à Covid-19 apresentadas em Plandemic

Afirmção	Fonte	Status
“Não se pode afirmar que o vírus ocorre naturalmente”.	Entrevistada	Falsa
<b>Contraponto:</b> a família coronavírus é composta por diversas espécies, dentre as quais cepas que ocorrem em animais. Há variações que também infectam seres humanos, como o SARS-CoV-2 e o MERS-CoV. O vírus encontra-se na natureza e pode infectar animais e humanos, além de se utilizar de animais silvestres como hospedeiro intermediário (AVMA, 2020).		
“Um vírus não ‘passa’ de um animal para uma pessoa”.	Entrevistada	Falsa
<b>Contraponto:</b> existem diversas doenças que são transmitidas de animais para pessoas, são as chamadas zoonoses, muitas das quais causadas por vírus (ALLEN <i>et al.</i> , 2017).		
“Você não morre com uma infecção, você morre de uma infecção”.	Entrevistada	Falsa
<b>Contraponto:</b> a presença de clínicas pré-existentes (comorbidades) podem atrapalhar o tratamento e aumentar as chances de óbito (OPAS, 2020; WILLIAMSON <i>et al.</i> , 2020).		
“E você os mata [os pacientes] com a ventilação mecânica, porque administrou o tratamento errado”.	Entrevistada	Falsa
<b>Contraponto:</b> o uso de ventilação mecânica atende aos protocolos de tratamento no caso de hipóxia. O Ministério da Saúde indica o uso, conforme protocolo de manejo clínico da Covid-19 na atenção especializada, de acordo com normas médicas internacionais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).		
“Sabemos que hidroxicloroquina e zinco estão funcionando muito bem em pacientes”.	Anônimo	Falsa
<b>Contraponto:</b> não há comprovação científica de que a hidroxicloroquina seja eficaz no tratamento da Covid-19. A informação foi amplamente divulgada (WHO, 2020).		
“Usar máscaras e luvas reduz a flora bacteriana e diminui a imunidade”.	Anônimo	Falsa
<b>Contraponto:</b> não há relação entre o uso de equipamento de proteção e a diminuição da imunidade. O uso de EPIs é indicado para os profissionais da saúde e a máscara cirúrgica e/ou de pano é indicada como item de proteção para a população em geral - em conjunto com medidas de isolamento social e higienização das mãos (OPAS, 2020).		
“Usando máscara você está ficando doente por conta própria, reativando expressões do coronavírus”.	Entrevistada	Falsa
<b>Contraponto:</b> a OMS recomenda o uso de máscara visando à limitação da disseminação de certas doenças respiratórias virais, incluindo a Covid-19, como elemento protetivo adicional (OPAS, 2020).		

**Fonte:** elaborado pelas autoras

No vídeo, a narrativa utiliza o relato da entrevistada como cenário para evidenciar uma suposta relação entre interesses privados (especialmente em função do registro de patentes) e financiamento público de pesquisas na área de infectologia. O trecho é exemplificado com um depoimento de arquivo em que um interlocutor não identificado afirma que hoje (não há referência à data específica), as universidades aumentaram em cinco vezes a participação nas patentes registradas nos Estados Unidos – o que tanto o interlocutor anônimo, quanto a entrevistada afirmam ser extremamente maléfico para a sociedade, já que os cientistas tornaram-se “fábricas viciadas em royalties” e podem, com as vacinas, lucrar bilhões de dólares - e matar outros bilhões – nas palavras da entrevistada. Na sequência, o entrevistador ainda solicita a opinião da entrevistada sobre a pandemia, e o assunto passa a centrar-

se na grande “farsa da COVID-19, bancada pelo governo e pela indústria farmacêutica”. A entrevistada defende a hidroxicloroquina como um medicamento “que age perfeitamente bem no tratamento de pacientes com a doença”<sup>10</sup>.

Outro elemento evocado na construção da credibilidade da narrativa é o discurso científico: a entrevistada é apresentada como cientista (doutora Mikovits), e sua história justifica o status atribuído a ela pelo narrador – é a heroína que desvela a verdade. Ela teria sido desacreditada no meio científico, porque ousou fazer uma descoberta que “conflitava com a narrativa acordada” – como pergunta/afirma o entrevistador. Mesmo sem apresentar evidências abalizadas por fontes reconhecidas além do relato da entrevistada, a narrativa é tecida confiantemente e expõe a doutora Mikovits como gozadora de suficiente credibilidade científica para que o espectador dê crédito a seus argumentos.

Ao argumentar que seu banimento das mídias sociais permite atestar sua legitimidade, a personagem principal pode ser imediatamente confrontada a uma condição paranoica, conforme preceitos científico-técnicos. Via que aponta que o endosso da ideia de imputar a outrem o protagonismo da ameaça, assim como a definição do outro como inimigo comum, seria um dos motes das narrativas conspiratórias. Liebel (2017) afirma existir relação entre o conservadorismo e a eclosão de teorias conspiratórias, pois o conservador não admite a evolução, ele prefere a estagnação à mudança.

Não parece aleatório, portanto, Plandemic ter sido impulsionado por perfis vinculados a grupos conservadores. A versão legendada em português inicia com uma recomendação: “assistam com o cérebro”, conclamando os espectadores a utilizarem a razão. A recomendação, inserida pelo(a) tradutor(a), não aparece na versão original e almeja induzir o espectador a compreender o vídeo como resultado de um processo lógico-racional no sentido weberiano. Para Liebel (2017, p. 47), “todo pensamento paranoico tende a ser aparentemente bastante lógico, mas tende também a se basear em uma falácia, ou seja, todo o edifício lógico e de causas e consequências acaba se sustentando em areia movediça”. Tal afirmação permite tipificar o vídeo analisado.

#### **4 A narrativa negacionista e a desinformação**

Uma posição consiste em apontar que o vídeo promove uma peça de propaganda ideológica da direita estadunidense, buscando colonizar os tradicionais formatos televisivos para plasmar um efeito de verdade baseado na promoção de sensações (fazer sentir) e de sua versão de acontecimentos acerca dos quais não está preocupado em

10 A entrevistada cita um dado referente a um artigo científico que é apresentado em tela. Contudo, é possível constatar que o argumento defendido pela entrevistada diverge dos resultados apresentados pelo artigo mencionado na entrevista.

contrastar evidências. Poderia ele ser tomado como uma peça de fake news a serviço de uma guerra ideológica idealizada? A questão encontra respaldo no valor socialmente assentado e midiaticamente operado de que “*America needs a hero*”, ou seja, para isso, também necessita de um vilão. Assim como ocorre lá, no Brasil também vigoram apelos via sebastianismo salvacionista, produzindo desorientação e erodindo o terreno de base para o debate.

Tais dificuldades postas no ambiente atual de desinformação permitem observar que a circulação de notícias falsas tende a reduzir a permeabilidade social ao debate, impedindo a vigência da polifasia cognitiva e fortalecendo a perspectiva da narrativa negacionista, simpática à proposição da pandemia como uma “farsa da Covid-19”. Antes de apontar a polarização de posições, a narrativa negacionista permite argumentar que a complexidade da disseminação de conteúdos científicos numa sociedade que os depreciam seria um dos elementos definidores do conflito. Talvez a desestimação dos conteúdos científicos provenha da complexidade que sua compreensão requer, na situação em que se apresenta a hipótese da impossibilidade da já referida polifasia cognitiva, na qual o jornalismo tem sua atuação questionada, conforme aludiu The Intercept Brasil:

Em nome da exposição da pluralidade de ideias, o jornalismo brasileiro transformou os misticismos de Osmar Terra em uma opinião com credibilidade o suficiente para debater em pé de igualdade com gente séria. Assim valida o anticientificismo como algo aceitável e abre uma porta para que mentiras perigosas se espalhem. Em nome de ouvir o contraditório - como se terraplanismos fossem matéria de opinião -, o jornalismo está servindo de escada ao obscurantismo (FILHO, 2020, online).

Em que pese à crítica realizada por The Intercept Brasil, a Rede Globo aposta por uma atitude em favor da ciência normal. Sua atividade de apuração (É fato ou fake?) atesta uma postura crítica (PENNAFORT, 2020).

Na disputa de narrativas a respeito da Covid-19, o discurso do vídeo opõe-se àquele promulgado pela OMS. Enquanto o organismo internacional apoia suas orientações em pesquisas que gozam da chancela da comunidade científica, o vídeo desconstrói esse reconhecimento na busca pela validação de uma “outra ciência”. Ele burla o debate objetivo ao utilizar-se da estratégia de criação de um pretenso contraponto entre a “prática científica das grandes corporações” (da qual a OMS seria a porta-voz) e uma “prática científica contestadora”, da qual Judy Mikovitz se diz representante. A estratégia de fazer sentir induzida pelos argumentos de Plandemic está alicerçada no questionamento da autoridade científica e, neste ponto, parece residir seu poder de convencimento. O uso do formato documental, por sua

vez, cria a ilusão de relevância da entrevista, mesmo que suas alegações não sejam acompanhadas de argumentos comprobatórios e sejam, em sua maioria, duvidosas. Plandemic engendra, propositadamente, uma falsa equivalência discursiva visando colocar em xeque a validade do conhecimento científico em favor de forças de enunciação cujas identidades não são plenamente reconhecíveis.

Entende-se que o conflito de narrativas suposto na produção do trailer na situação de comunicação vigente durante a pandemia da Covid-19 no ano de 2020 permite configurar a disputa midiaticizada entre certos pesquisadores e determinados segmentos da indústria química, polarizando as posições que, assim, se tornam ideológicas.

## 5 Considerações finais

A área da Comunicação se constitui como fundamental para o alcance de muitos objetivos da saúde e áreas convergentes, as quais buscam soluções tecnológicas, sociais, educacionais, dentre outras. Em razão do crescimento exponencial, que acompanha a própria expansão de contágio pela pandemia, especialistas internacionais vêm considerando a disseminação de notícias falsas sobre o novo coronavírus como “a outra pandemia”, ou até mesmo uma “infodemia”, como denominou a própria OMS (THOMAS, 2020).

A OMS vem direcionando esforços no sentido de combater as informações equivocadas sobre o vírus, tendo criado um setor específico para atuar na “infodemia”, o *Information Network for Epidemics* (WHO, 2020b). Em nível nacional, o Ministério da Saúde disponibilizou um canal específico para receber denúncias a respeito de notícias falsas sobre coronavírus (BRASIL, 2020). No entanto, as ações que têm se destacado no combate às notícias falsas em relação à Covid-19 no Brasil ocorrem no âmbito midiático, sobretudo por parte das mídias sociais digitais, instâncias que justamente são as que mais colaboram para a disseminação de notícias falsas. As principais plataformas e o próprio Google vêm facilitando a disponibilização de informações sobre a pandemia, algo pouco usual, pois tais agentes tradicionalmente se caracterizam por serem arquiteturas desenhadas para organizar interações entre usuários e não como interfaces disseminadoras da produção direta de informação (VAN DIJCK; POELL; DE WALL, 2018).

Considera-se que há plataformas que, inclusive, estão intervindo de forma ativa na contenção de informações inverídicas a respeito da pandemia, em ações como o destaque a informações sobre a Covid-19, alertas para quando os usuários acessam conteúdos falsos (BROWN, 2020) ou até mesmo a supressão de conteúdos associados às notícias

falsas. Tais aspectos vêm levando a atos inéditos, como o de plataformas de mídias sociais literalmente apagando posts de seus usuários que trazem conteúdos falsos relacionados ao novo coronavírus, como ocorre sistematicamente nas Filipinas (RT, 2020). São intervenções que se somam às ações tradicionais, presentes antes da emergência da pandemia, como as atividades de *fact checking* (GRAVES, 2016), as práticas jornalísticas, iniciativas de educomunicação, uma diversidade de estratégias institucionais e tentativas de regulação ou até mesmo criminalização da prática (ROMANINI; OHLSSON, 2018).

No entanto, todos os esforços referidos não possuem artilharia para enfrentar o poder de disseminação global instantâneo de conteúdos digitais. O vídeo “Plandemic” aqui analisado é tomado pela comunidade científica como um *deep fake* vídeo, uma ultrafalsificação, uma burla ao sistema comunicativo. A controvérsia manifesta como o ambiente das mídias sociais permite equiparar o valor informativo do senso comum ao da expertise técnica, dando sustentação ao conflito de narrativas.

A relevância do estudo para o desenvolvimento científico, tecnológico ou de inovação considera que urge a necessidade de entender as novas práticas, sobretudo pela necessidade de emergência de contextos peculiares da disseminação das notícias falsas, ou, como preferem alguns autores, da desinformação e das informações falsas, no âmbito da pandemia da Covid-19. Nesse sentido, estender e aprofundar a análise dos embates entre o discurso científico e as notícias falsas ou, ainda, compreender os mecanismos de apropriação e subversão dos referenciais científicos pelos agentes produtores de notícias falsas é uma tarefa a ser empreendida, de modo que o documentário integral, intitulado Plandemic-InDOCTORnation, lançado em agosto de 2020, presta-se a tal propósito.

Em um momento como o da pandemia, é fundamental que a população disponha de informações claras e acessíveis sobre prevenção e combate à nova doença, bem como os tipos de tratamento e possibilidades de vacina que estão sendo testados. Portanto, combater a desinformação resultante da disseminação de notícias falsas é essencial para que o vírus seja vencido. Além disso, promover o conhecimento sobre essas estratégias de combate possibilita que elas sejam tomadas com maior clareza e garantam maior eficácia, reconhecendo as condições peculiares nas quais essa batalha se trava. Elementos como algoritmos, *filter bubbles*, *social media targeting*, *robots* e discurso de ódio estão determinando estratégias desconhecidas tanto pela população, quanto pelos profissionais de comunicação e mídia. Faz-se necessário investigá-los, ao mesmo tempo em que se propõem iniciativas inovadoras de combate à circulação de notícias falsas. Confiança, controle e risco estão interconectados, o que sugere

que os agentes parceiros precisam gerenciar o risco, na tentativa de compreender a qualidade das conexões entre confiança e controle.

## REFERÊNCIAS

ALBA, D. **Virus conspiracist elevate a new champion**. The New York Times, New York, 09 mai 2020. Disponível em: <https://nyti.ms/2Xo0xj1>. Acesso em: 13 mai 2020.

ALLEN, T., MURRAY, K.A., ZAMBRANA-TORRELIO, C. *et al.* **Global hotspots and correlates of emerging zoonotic diseases**. Nature Communication 8, 1124, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41467-017-00923-8>. Disponível em: <https://go.nature.com/32qPLek>. Acesso em: 26 jun 2020.

AVMA. **SARS-Cov-2 in animals**. Whashington, 11 jun 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3jnXkJP>. Acesso em: 26 jun 2020.

BAKIR, V.; McSTAY, A. **Fake News and The Economy of Emotions**. Digital Journalism, 6:2, 154-175, 2018.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRASIL. **Saúde sem fake news**. Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/fakenews>. Acesso em: 19 abr 2020.

ARAMUNI, Jorge. **Plandemic**. Brighteon, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3eefNWE>. Acesso em: 11 mai 2020.

BROWN, A. **Facebook cria alerta de fake news sobre o coronavírus**. *Forbes*, 16 abr 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3giB1nS>. Acesso em: 20 abr 2020.

CHARAUDEAU, P. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

COHEN, J. **In a rare move, Science without author's consent retracts paper that tied mouse virus to Chronic Fatigue Syndrome**. *Sciencemag*. New York, 22 dez 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3gjTgt5>. Acesso em: 13 mai 2020.

ENSERINK, M.; COHEN, J. **Fact-checking Judy Mikovits,**

**the controversial virologist attacking Anthony Fauci in a viral conspiracy video.** *Sciencemag*. New York, 8 mai 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2XmvVhT>. Acesso em: 13 mai 2020.

FILHO, João. **Por que é errado dar espaço na imprensa a Osmar Terra, o porta-voz do negacionismo científico na mídia nacional.** *The Intercept*, 2020. Disponível em: <[https://theintercept.com/2020/05/17/osmar-terra-coronavirus-imprensa-mentiras/?fbclid=IwAR0PG6AsYxLdf76Msv\\_ARY-XCZLSRCSHD19Y4pBfXJeRR Ckp1ov4rSv4Pke](https://theintercept.com/2020/05/17/osmar-terra-coronavirus-imprensa-mentiras/?fbclid=IwAR0PG6AsYxLdf76Msv_ARY-XCZLSRCSHD19Y4pBfXJeRR Ckp1ov4rSv4Pke)>. Acesso em: 25 set 2020.

FRENKE, S.; DECKER, B.; ALBA, D. **How the ‘Plandemic’ movie and its falsehoods spreads widely online.** *The New York Times*. New York, 20 mai 2020. Disponível em: <https://nyti.ms/2ANYsFk>. Acesso em: 20 mai 2020.

GALLAGHER, E. **Facebook groups and YouTube enabled viral spread of ‘Plandemic’ misinformation.** *Medium, OneZero*, s/1, 9 mai 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2LRDvvo>. Acesso em: 13 mai 2020.

GRAVES, L. **Deciding what’s true: the rise of political fact-checking in american journalism.** New York: Columbia University Press, 2016.

KASPRAK, A. **The Origins and Scientific Failings of the COVID-19 ‘Bioweapon’ Conspiracy Theory.** *Snopes*, 1 feb 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3cYXAvZ>. Acesso em: 20 abr 2020.

LEON, B. **El documental de divulgación científica.** Barcelona: Paidós, 1999.

LIEBEL, V. **Uma facada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha.** *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 37, n. 76, p. 45-71, dez. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2WXEosX>. Acesso em: 13 mai 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Orientações para manejo de pacientes com COVID-19.** [s.d.], 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2D0N2j1>. Acesso em 26 ago 2020.

NEWTON, C. **How the ‘Plandemic’ video hoax went viral.** *The Verge, The Interface*, New York, 12 mai 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2XuswxI>. Acesso em: 20 mai 2020.

OPAS. **Folha informativa COVID-19**. 26 ago 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3jhFVCf>. Acesso em 26 ago 2020.

PASQUALOTTO, A. (et. alli). **Protocolos de atendimento às vítimas da Boate Kiss**. Santa Maria: EdUFSM, 2016.

PENNAFORT, R. **É #FAKE que máscaras proteção podem levar à autocontaminação pelo coronavírus e que vacinas contra a gripe podem causar a Covid-19**. *Gl, Fato ou Fake*, Rio de Janeiro, 13 mai 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3jjlMMg>. Acesso em 26 ago. 2020.

PLANDEMIC. Produção de Mikki Willis. Ojai: Elevate, 2020. 1 vídeo (26min). Disponível em: <http://plandemicvideo.com>. Acesso em: 11 mai 2020.

PLANDEMIC. Produção de Mikki Willis. Ojai: Elevate, 2020. Tradução de Du Scwab. 1 vídeo (26 min). Disponível em: <https://bit.ly/2XldlGQ>. Acesso em: 11 mai 2020b.

PLANDEMIC. In Doctor Nation. Produção de Mikki Willis. Ojai: Elevate, 2020. 1 vídeo (1h 15 min). Disponível em: <http://plandemicseries.com>. Acesso em: 26 ago 2020.

ROMANINI, A.; OHLSSON, M. **De olhos bem fechados: o pragmatismo e a semiótica peirceana como fundamentos para a tecnologia blockchain utilizada no combate às fake news**. *Communicare*, v. 18, n. 2, 2018.

SEN, A. Construir confiança: Ética da Empresa e Desenvolvimento Econômico. p. 39-53. In: CORTINA, A. (org.) **Construir Confiança: ética na empresa da sociedade da informação e das comunicações**. São Paulo: Loyola, 2008.

THOMAS, I. (2020). **WHO says fake coronavirus claims causing ‘infodemic’**. BBC, 13 feb 2020. Disponível em: <https://bbc.in/36q7FiV>. Acesso em: 20 abr 2020.

TOMAZ, T.; SILVA, G. C. **Repensando big data, algoritmos e comunicação: para uma crítica da neutralidade instrumental**. *Parágrafo*, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 31-42, jun. 2018. ISSN 2317-4919. Disponível em: <https://bit.ly/2yrbxDK>. Acesso em: 11 maio 2020.

SILVEIRA, A. C. M. (Org.) **Midiatização da Tragédia de Santa**

**Maria.** Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018. v. I.

THE INTERCEPT BRASIL. **Instagram.** Disponível em: [interc.pt/399eEMO](https://www.instagram.com/interceptbrasil/). Acesso em: 17 maio 2010.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WALL, M. **The Platform Society: public values in a connective world.** Oxford: Oxford University Press, 2018.

VIANA, A. W.; MORIGI, V. J. **Redes de desejos consonantes: a impossibilidade da polifasia cognitiva na era da pós-verdade.** *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática.* v.17, n.35, 2018. DOI: [doi.org/10.5902/2175497728205](https://doi.org/10.5902/2175497728205)

WEBER, M. **Ensaio de Sociologia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

WEBER, M. **Economia y Sociedad.** México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

WHO. Q&A: **Hydroxychloroquine and COVID-19.** 19 jun 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2D5XzJY>. Acesso em: 26 ago 2020.

WHO. **Coronavirus disease 2019 (COVID-19) - Situation Report 86.** 15 abr 2020b. Disponível em: <https://bit.ly/2TuHVMX>. Acesso em: 22 abr 2020.

WILLIAMSON, E. J., WALKER, A. J., BHASKARAN, K. *et al.* **Factors associated with COVID-19-related death using OpenSAFELY.** *Nature* 584, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41586-020-2521-4>. Disponível em: <https://go.nature.com/2QG03lz>. Acesso em 26 ago 2020.